

Rota do Românico do Vale do Sousa

Turismo e Património como projecto de desenvolvimento para o Vale do Sousa

*Rosário Correia Machado**

Resumo

Em 1998 inicia-se um processo de desenvolvimento sustentado. Da articulação, promovida pela CCDRN, entre várias instituições, DGEMN, IPPAR e a VALSOUSA, é decidido inventariar os elementos patrimoniais de estilo românico do Vale do Sousa, do qual resultou uma proposta de 19 elementos que, em 2004 passariam a 21 elementos.

Em 2003, com a assinatura de vários protocolos, deram-se início às obras de conservação, valorização e salvaguarda dos imóveis tutelados pela então DGEMN.

Para além da componente de conservação, valorização e salvaguarda, a RRSV desenvolve ainda um conjunto de outras vertentes inerentes à criação de um novo produto turístico cultural.

Abstract

1998 marks the beginning of a sustained development process. From the articulation promoted by CCDRN between several institutions – DGEMN, IPPAR and VALSOUSA – the Sousa Valley's Romanesque heritage items are inventoried, resulting in 19 selected elements, which would become 21 in 2004.

In 2003, after signing several protocols, conservation, improvement and preservation works began taking place in the property then under the DGEMN's responsibility.

Besides this conservation, improvement and preservation aspect, the RRSV also promotes a group of related activities concerning the development of a new cultural touristic product.

* Directora da Rota do Românico do Vale do Sousa

1. O Românico do Vale do Sousa

“O românico foi introduzido em Portugal numa fase adiantada do século XI, por acção do Conde D. Henrique e da sua Corte. Os primeiros testemunhos desse género surgiram no Norte do Condado, depois Reino, e são sobretudo edifícios religiosos – Catedrais, Mosteiros, Igrejas, Capelas –, edifícios militares – Castelos e Torres Senhoriais – e edificações civis – monumentos funerários e pontes.

No Vale do Sousa, o românico está associado ao despoletar da nacionalidade, reflectindo a ocupação das terras progressivamente conquistadas. A diversidade dos testemunhos monumentais românicos aí existentes permite oferecer um leque muito completo dos tipos arquitectónicos então construídos, que passavam pelos:

- **Conjuntos monásticos** (Mosteiro de Pombeiro, Igreja de São Salvador de Unhão, Igreja de São Vicente de Sousa, Igreja de Santa Maria de Airães, Mosteiro de São Pedro de Ferreira, Mosteiro de São Pedro de Cete, Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa),
- **Igrejas paroquiais e santuários isolados** (Igreja de São Mamede de Vila Verde, Igreja de Santa Maria de Meinedo, Igreja do Salvador de Aveleda, Igreja de São Gens de Boelhe, Igreja do Salvador de Cabeça Santa, Igreja de São Pedro de Abragão, Igreja de São Miguel de Entre os Rios e Ermida de Nossa Senhora do Vale),
- **Estruturas funerárias** (Marmoiral de Sobrado, Memorial da Ermida),
- **Torres senhoriais e/ou defensivas e arquitectura civil** (Torre do Castelo de Aguiar de Sousa, Torre de Vilar, Ponte de Vilela e Ponte de Espindo).

Foi a partir desta singularidade, criada pela memória histórica deste território, no período de afirmação da arte românica, que a Rota do Românico do Vale do Sousa (RRVS) foi estruturada, integrando 21 objectos patrimoniais que, no conjunto, procuram testemunhar

o papel que este território outrora desempenhou na história da nobreza portuguesa e das Ordens Religiosas. Este conjunto empresta à RRVS um carácter único que deve ser valorizado, no sentido de fazer desta Rota e do Vale do Sousa, um produto e um destino com especificidades, ancorado a um património com grande valor regional, nacional e ibérico.”²

2. Projecto de desenvolvimento para o Vale do Sousa

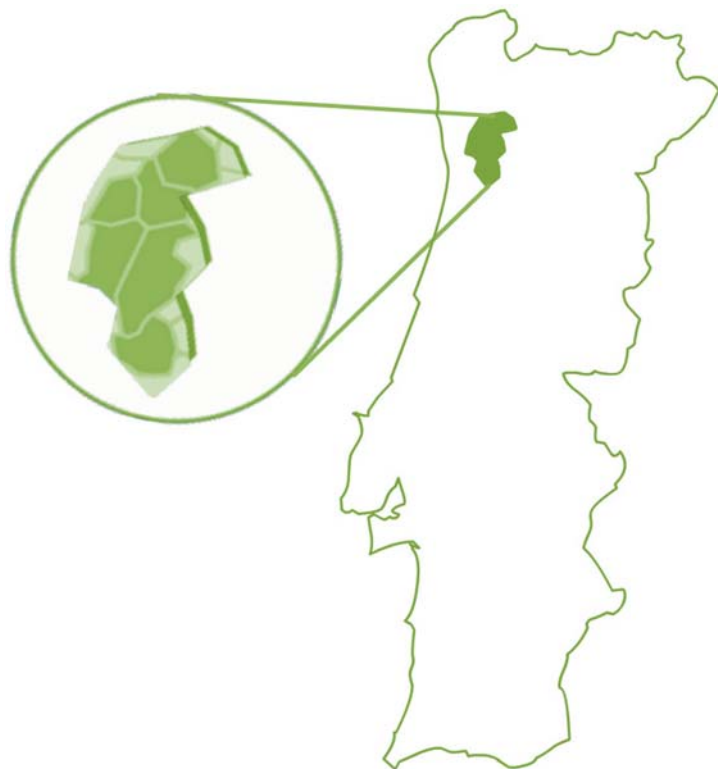
O Vale do Sousa situa-se no Norte de Portugal, numa zona de transição entre a Área Metropolitana do Porto e o interior da Região do Norte, e integra-se na NUT III – Tâmega. O Vale do Sousa integra os concelhos de Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel, num total de 144 freguesias, constituem este espaço geográfico de 764 Km², que reúne uma população de cerca de 330 000 habitantes, resultando uma densidade populacional de 430 habitantes por km², quase duas vezes e meia superior à média regional, o que faz desta área um dos sub-espacos da Região Norte de maior concentração populacional.

A existência no Vale do Sousa de um importante património de edifícios românicos, que constitui não só um vestígio fundamental de uma memória colectiva, mas se afigura também como um dos recursos que poderão contribuir significativamente para a qualificação cultural e turística do seu território, motivou a elaboração de um projecto de valorização desse património que, entre outros objectivos, pretendia assegurar a sua integração na “Rota do Românico”.

Assim, em 1998 foi iniciado um processo de colaboração no âmbito do PROSOUSA (Plano de Desenvolvimento Integrado do Vale do Sousa) com o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) e com a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), tendo sido elaborados relatórios preliminares que fizeram a selecção dos elementos patrimoniais que iriam integrar a Rota.

O Relatório incluiu 19 imóveis, 4 dos quais objecto de intervenção por parte do IPPAR, considerando-

² Cf in Parecer sobre a Rota do Românico do Vale do Sousa; DHVMC; Fev 2005



Mapa 1. Vale do Sousa no mapa de Portugal

se que a valorização dos restantes deveria contar com a colaboração da DGEMN, que inventariou e orçamentou um conjunto de intervenções a desenvolver nos referidos monumentos.

Os objectivos essenciais do projecto definidos nessa altura eram a recuperação, beneficiação e criação de condições de visita dos imóveis e a implementação de um itinerário de visita integrado, visando a valorização cultural e a divulgação turística.

Os constrangimentos financeiros entretanto verificados impediram o avanço do projecto naquela data, pelo que, para dar sequência ao trabalho inicial, foi necessário aguardar pelo novo período de programação financeira de apoio, Programa ON e, na formação da Acção Integrada de Base Territorial do Vale do Sousa (AIBT Vale do Sousa) em 2000, que apresenta, conforme anteriormente referido, como um dos seus objectivos específicos, o apoio à valorização do património histórico.

Deste modo, tendo sido sempre identificado este projecto como um projecto âncora da AIBT, a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDRN), em colaboração com a Associação de

Municípios do Vale do Sousa / Comunidade Urbana do Vale do Sousa (Valsousa), a Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), o Instituto de Turismo de Portugal (ITP), o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), a Associação para o Desenvolvimento do Turismo na Região do Norte (ADETURN), as Câmaras Municipais envolvidas e o GAT do Vale do Sousa, desenvolveu o “Programa de implementação e dinamização turística e cultural da Rota do Românico do Vale do Sousa”, que teve como 1.º passo a elaboração de um conjunto de documentos que contratualizam os direitos e deveres de todas as Entidades envolvidas, no que respeita à requalificação dos actuais 21 monumentos identificados (aos 19 originais adicionaram-se posteriormente mais 2), bem como a um conjunto base de acções tendentes à sua dinamização.

A exigência do projecto no que se refere ao nível de acompanhamento necessário ditou a constituição de uma Comissão de Acompanhamento que regularmente moni-

toriza os trabalhos em curso, aproveitando os parceiros em presença para uma adequada articulação e programação das diversas acções em desenvolvimento e/ou em fase de arranque.

3. Obras de recuperação, valorização e salvaguarda

Em Abril de 2003 é celebrado o contrato entre a CCDRN, a DGEMN e a AMVS, no qual se estabelece a responsabilidade da comparticipação financeira e se define a DGEMN como Dono de Obra.

Em Junho de 2003, com a cerimónia de assinatura dos vários protocolos, no Paço Episcopal do Porto, é dado um importante passo. Cerimónia que contou com a presença do Bispo do Porto, D. Armindo Lopes Coelho, da Presidente da CCDRN, Cristina de Azevedo e do Presidente da VALSOUSA, Alberto Santos, assim como dos representantes eclesiásticos das paróquias onde se localizam os monumentos objecto desta intervenção. A partir desse momento deram-se início às obras de conservação, valorização e salvaguarda dos imóveis tutelados pela então DGEMN.



Figura 1. (Igreja de S. Mamede de Vila Verde, Felgueiras – Antes das obras de recuperação, conservação e salvaguarda, 2003)



Figura 3. (Torre de Vilar, Lousada – Antes das obras de recuperação, conservação e salvaguarda, 2002)



Figura 2. (Igreja de S. Mamede de Vila Verde, Felgueiras – Depois das obras de recuperação, conservação e salvaguarda, 2007)



Figura 4. (Torre de Vilar, Lousada – Depois das obras de recuperação, conservação e salvaguarda, 2007)

Como se tratavam de imóveis de valor patrimonial significativo, a maioria com classificação, as obras obedeceram às regras específicas de intervenção, nomeadamente na componente arqueológica, e foram, ao

abrigo de protocolo entre a DREMN e a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, efectuadas sondagens e/ou escavações arqueológicas nas intervenções.

4. Conjunto de imóveis que constituem a Rota do Românico do Vale do Sousa

— Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, em Felgueiras



Figura 5. (Mosteiro de Pombeiro, 2007)

— Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa, em Penafiel



Figura 6. (Mosteiro de Paço de Sousa, 2007)

— Mosteiro de São Pedro de Ferreira, em Paços de Ferreira

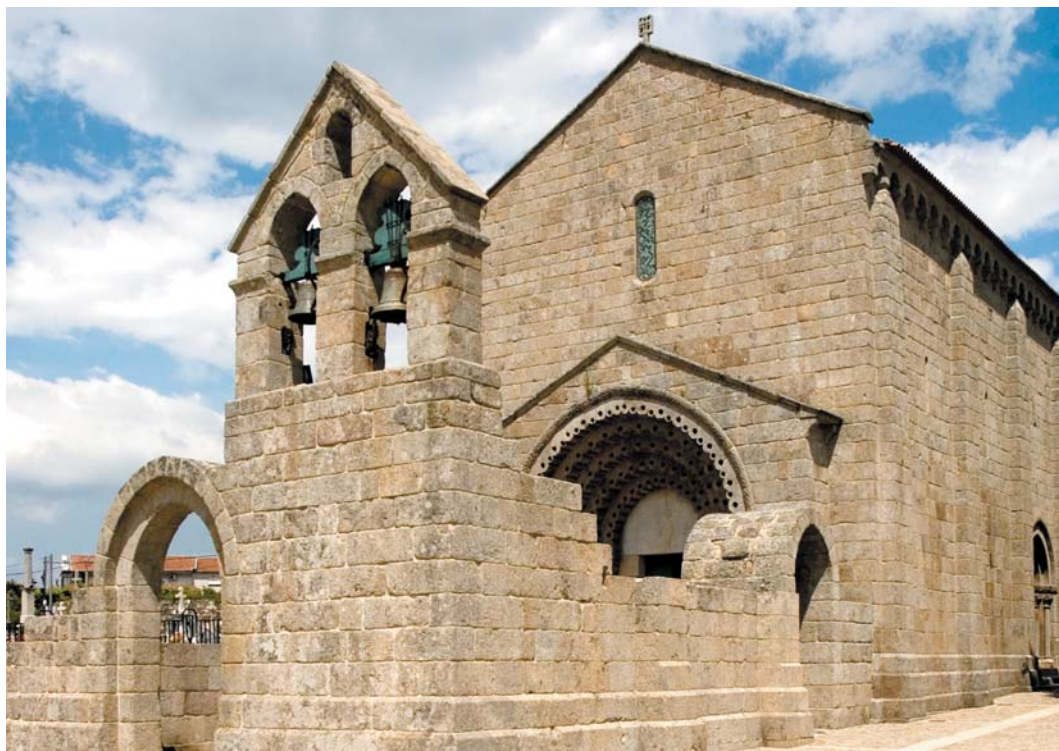


Figura 7. (Mosteiro de Ferreira, 2007)

— Mosteiro de São Pedro de Cête, em Paredes



Figura 8. (Mosteiro de Cête, 2007)

— Torre de Vilar, em Lousada



Figura 9. (Torre de Vilar, 2007)

— Torre do Castelo de Aguiar de Sousa, em Paredes



Figura 10. (Torre do Castelo de Aguiar de Sousa, 2007)

— Ponte de Vilela, em Lousada



Figura 11. (Ponte de Vilela, 2007)

— Ponte de Espindo, em Lousada



Figura 12. (Ponte de Espindo, 2007)

— Marmoiral de Sobrado, em Castelo de Paiva



Figura 13. (Marmoiral do Sobrado, 2007)



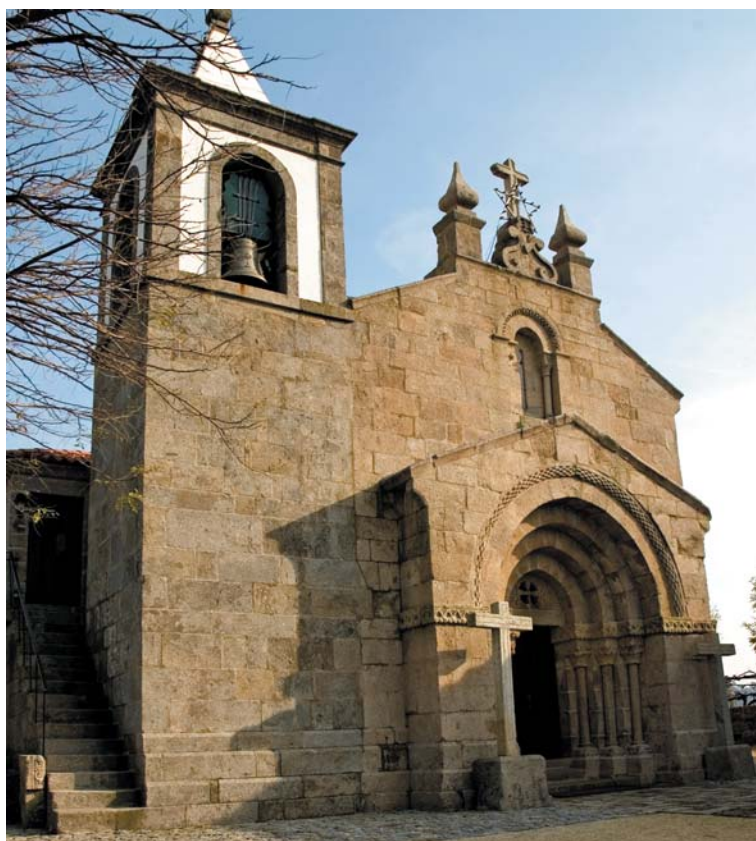
— Memorial da Ermida, em Penafiel

Figura 14. (Memorial da Ermida, 2007)

— Igreja de São Vicente de Sousa, em Felgueiras



Figura 15. (Igreja de Sousa, 2007)



— Igreja do Salvador de Unhão,
em Felgueiras

Figura 16. (Igreja de Unhão, 2007)

— Igreja de Santa Maria de Airães, em Felgueiras



Figura 17. (Igreja de Airães, 2007)

— Igreja de Santa Maria de Meinedo, em Lousada



Figura 18. (Igreja de Meinedo, 2007)

— Igreja do Salvador de Aveleda, em Lousada

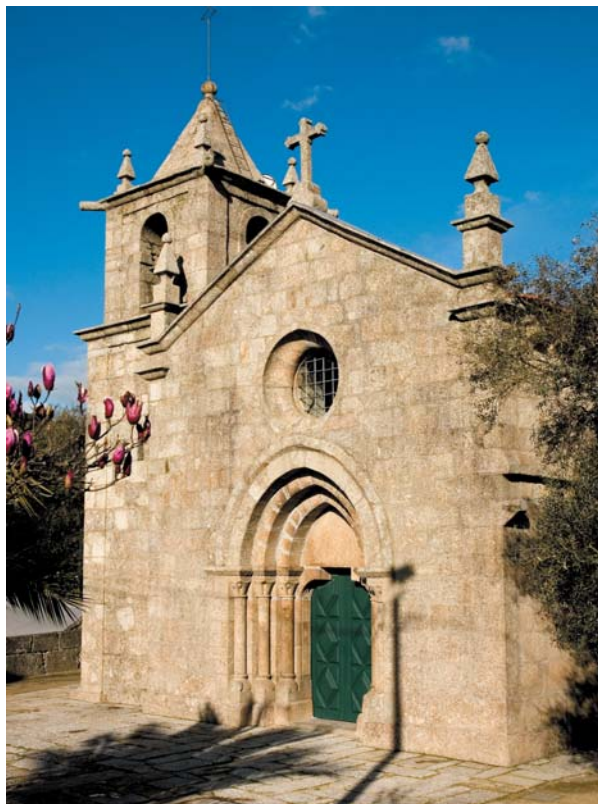


Figura 19. (Igreja de Aveleda, 2007)

— Igreja de São Mamede de Vila Verde, em Felgueiras

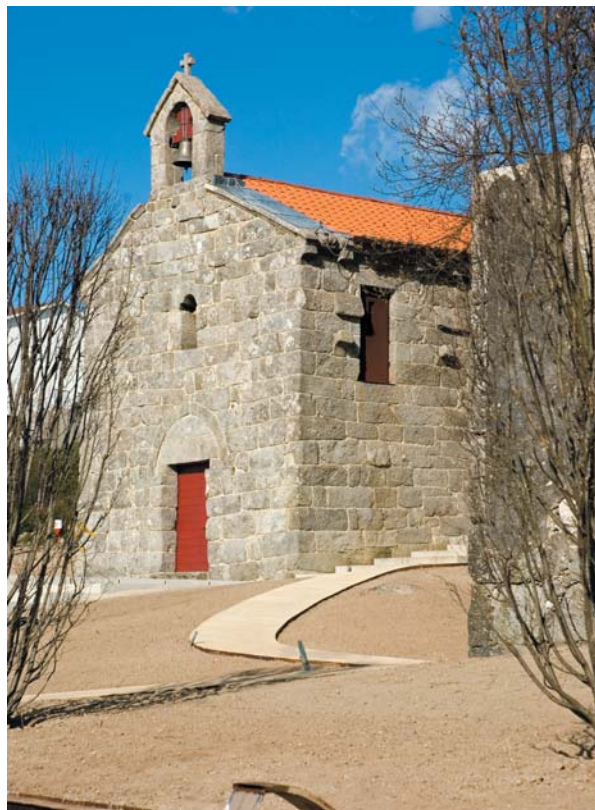


Figura 20. (Igreja de Vila Verde, 2007)



— Igreja do Salvador de Cabeça Santa,
em Penafiel

Figura 21. (Igreja de Cabeça Santa, 2007)

— Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios, em Penafiel



Figura 22. (Igreja de Entre-os-Rios, 2007)

— Igreja de São Pedro de Abragão, em Penafiel



Figura 23. (Igreja de Abragão, 2007)



— Igreja de São Gens de Boelhe, em Penafiel

Figura 24. (Igreja de Boelhe, 2007)

— Ermida da Nossa Senhora do Vale, em Paredes

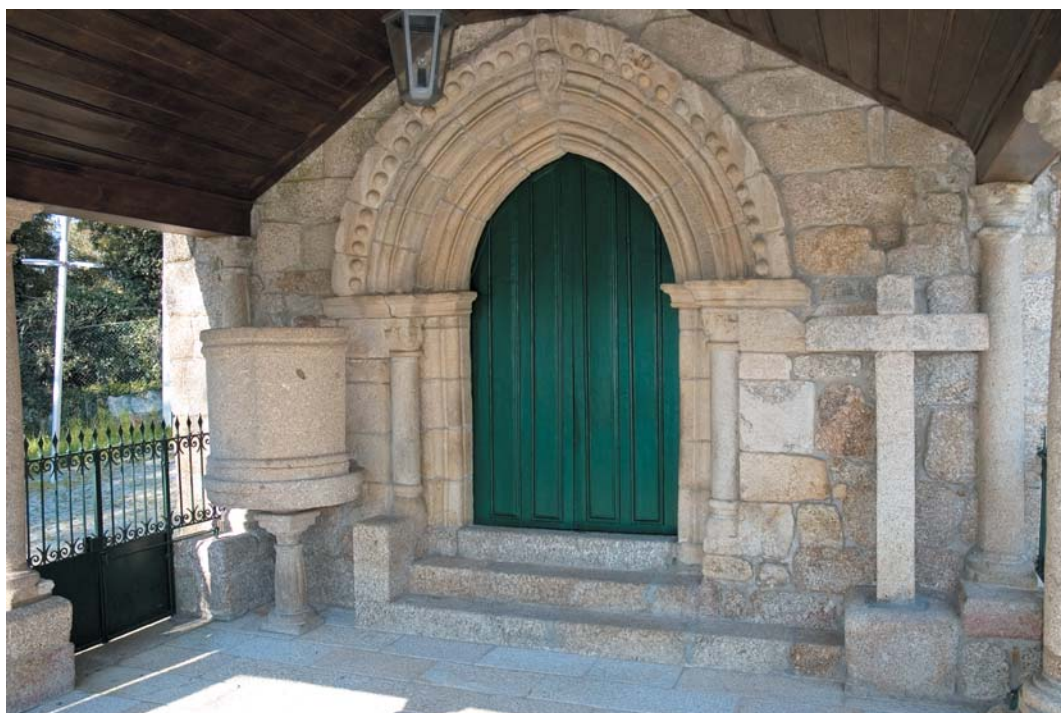


Figura 25. (Ermida da Senhora do Vale, 2007)

5. Produto Turístico Cultural Rota do Românico do Vale do Sousa

O primeiro aspecto positivo que se entende dever destacar relativamente ao potencial turístico do Vale do Sousa é o seu posicionamento no território: da Rota: *“A localização deste território torna evidente que o desenvolvimento da Rota do Românico poderá explorar as relações de interdependência, decorrentes da relativa proximidade com alguns espaços relevantes no Turismo Cultural e no Touring, que se têm desenvolvido no Noroeste de Portugal.”*³ Designadamente o Porto, o eixo bipolar de Braga/Guimarães, as cidades de Amarante, Vila Real e Lamego e o eixo do Rio Douro.

O desenvolvimento das actividades turísticas e culturais verificadas na área do Porto cada vez mais articuladas com os circuitos (o Touring) em todo o Alto e Baixo Minho, e no Vale do Douro, potencia a localização do Vale do Sousa, localização que deverá ser devidamente aproveitada, particularmente no quadro do lançamento e consolidação da Rota do Românico.

O estudo refere ainda que: *“Globalmente, a localização relativa do Vale do Sousa revela algumas desvantagens decorrentes da influência do crescimento urbano e industrial do Noroeste de Portugal mas, simultaneamente, torna evidentes diversas vantagens competitivas, das quais poderemos destacar as seguintes: integração no Noroeste da Península Ibérica, que é reconhecido como um espaço com forte ocorrência de património românico, onde se têm vindo a estruturar e lançar várias Rotas Temáticas que, parcial ou integralmente, permitem a sua fruição; integração na bacia do Douro, onde se tem registado uma dinâmica expansiva dos Cruzeiros Fluviais, do Turismo em Espaço Rural e dos Circuitos e Rotas Temáticas; relativa proximidade de espaços com uma relevante dinâmica económica e urbana (a Área Metropolitana do Porto; o eixo Braga/Guimarães; o espaço a leste que é polarizado essencialmente por Amarante e Vila Real), geradores de um modelo de procura turística que cada vez mais se combina com a fruição do património cultural e das actividades de*

animação que a este se associam; crescente distinção e valorização do património cultural em vários centros urbanos da envolvente regional do Vale do Sousa (Porto, Guimarães, Braga, Lamego, etc.), através do desenvolvimento das actividades turísticas e de lazer que permitem alargar a sua fruição. O alargamento das relações de complementaridade entre espaços patrimoniais constituirá uma vantagem a valorizar pela Rota do Românico do Vale do Sousa; posicionamento no centro triangular de espaços com reconhecimento de Património Mundial pela UNESCO: O Porto; Guimarães e o Vale do Douro.” [...]

Para além da localização globalmente favorável do seu território, o Vale do Sousa apresenta um conjunto de recursos turísticos que, devidamente valorizado e promovido, poderá constituir um aspecto determinante de atractividade turística, sendo considerado *“um espaço que parece ter potencialidades para se afirmar como destino complementar ou alternativo, designadamente através do lançamento de produtos no domínio do turismo cultural, do touring, do turismo em espaço rural, do turismo de eventos (culturais e recreativos) e do turismo activo.”* [...]

Os recursos turísticos elementares identificados no estudo como *“portadores de um potencial expressivo de atracção que importa tornar visitáveis e fruíveis, segundo as exigências actuais da “cadeia de consumo turístico”, bem como tornar conhecidos e apetecidos junto dos potenciais turistas (mercados)”*,

O Vale do Sousa apresenta um património edificado e artístico rico e diversificado, nalguns casos de características únicas. Detém alguns objectos patrimoniais excepcionais, particularmente nos domínios do património megalítico, castrejo, românico e barroco, com grande valor histórico, arqueológico e arquitectónico, dos quais se destacam: *o património arquitectónico medieval com grande interesse, em especial o que se relaciona com a arte românica; o património arqueológico com expressão, sobretudo os conjuntos castrejos (Citânia de Sanfins, Castro de Monte Mozinho); o património rural diversificado, de que se realça os moinhos de água, os engenhos de serrar*

³ DHV MC; 2004; Estudo para Plano de Acção para a Dinamização Turístico Cultural da Rota do Românico do Vale do Sousa, CCDRN

madeira, as aldeias com traça arquitectónica vernácula e os solares e casas de antigas quintas agrícolas (que em alguns casos se reconverteram em unidades de turismo em espaço rural).

6. Os Percursos da Rota do Românico do Vale do Sousa

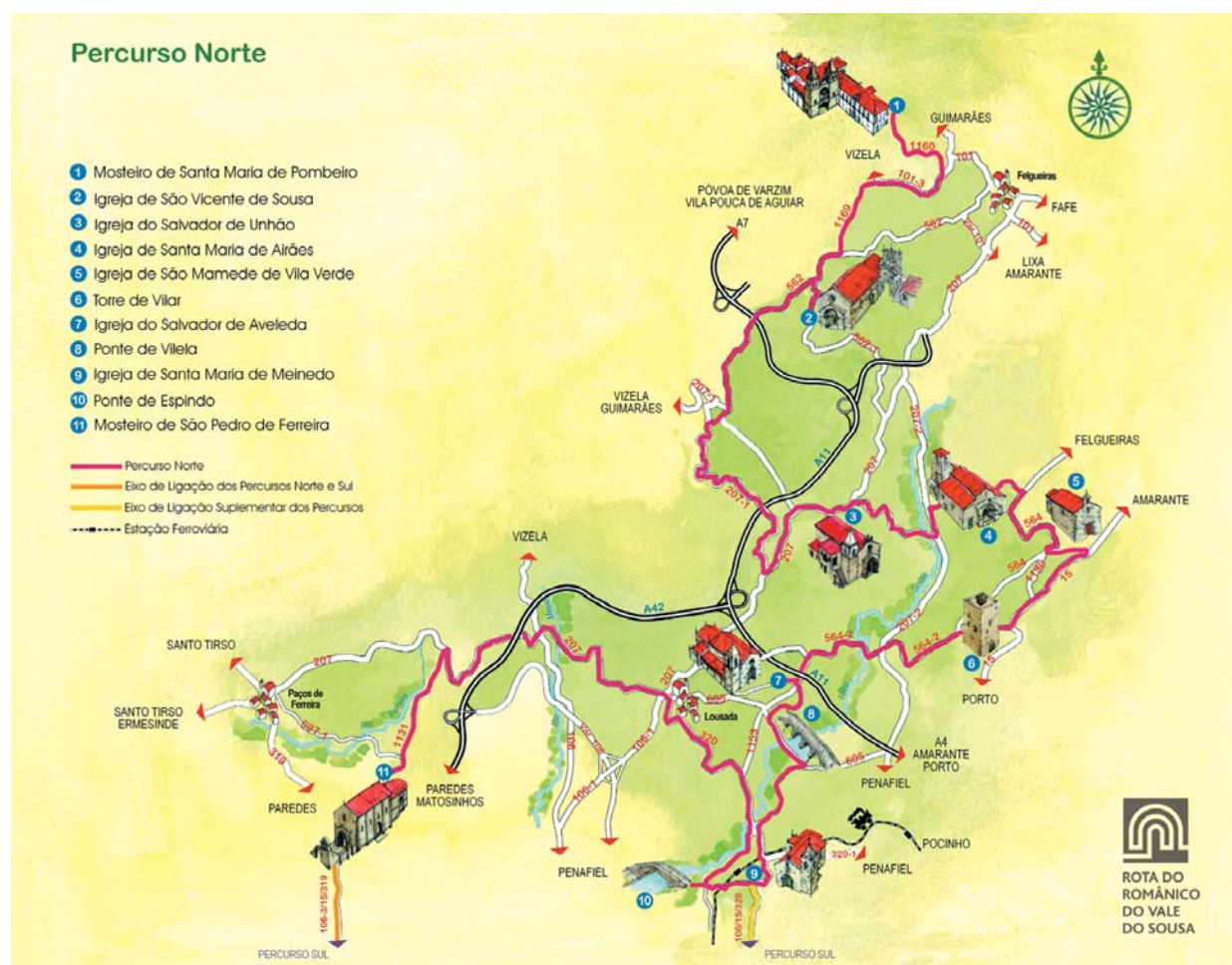
A Rota do Românico do Vale do Sousa, como percurso turístico patrimonial assente em 21 elementos entre Mosteiros, Igrejas, Pontes, Torres e Memoriais, está organizado em dois grandes percursos.

O **percurso Norte**, que abrange os municípios a norte do Vale do Sousa e, designadamente, 11 elementos patrimoniais, sendo as duas portas de entrada tanto o Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro como o Mosteiro de S. Pedro de Ferreira.

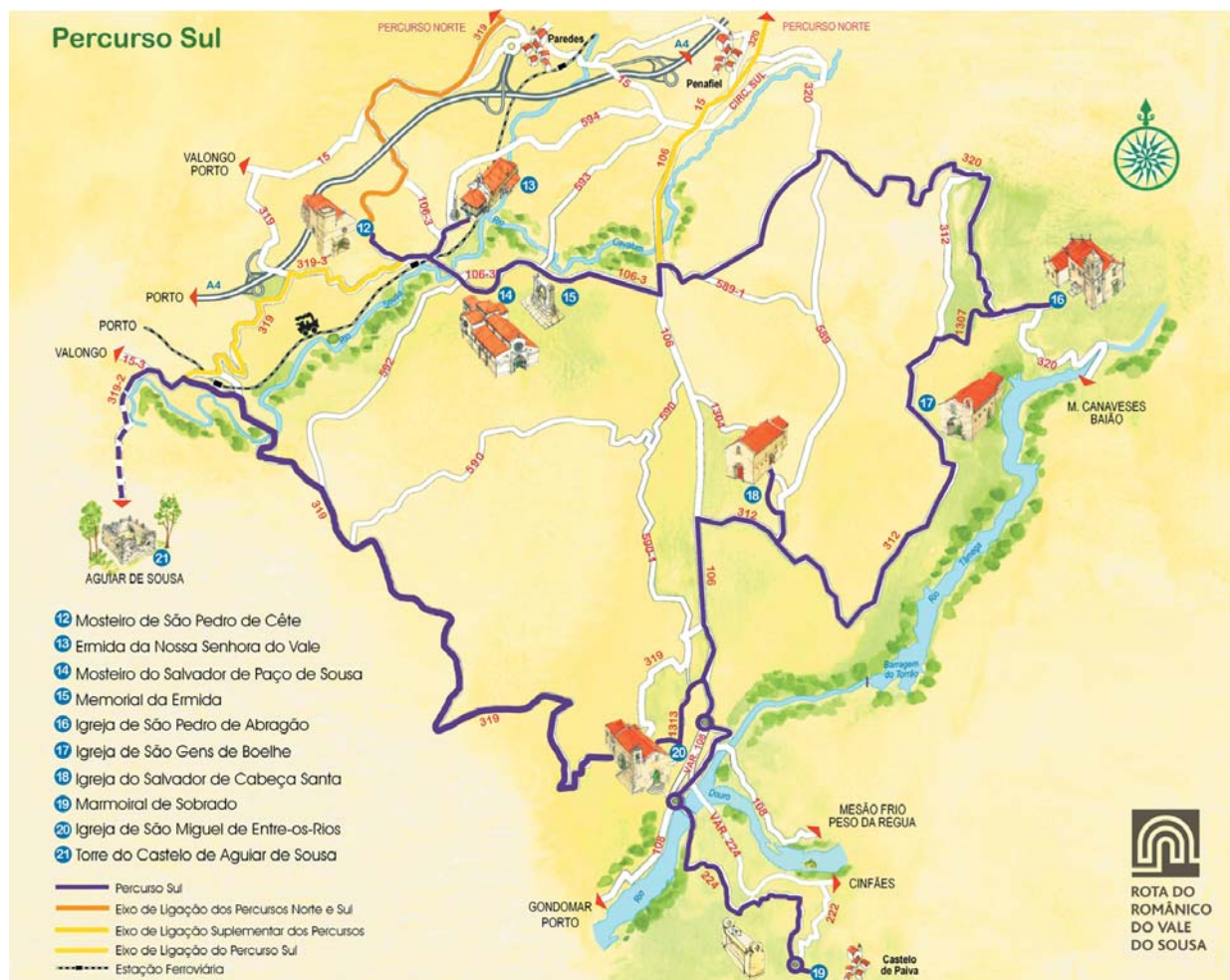
O **percurso Sul**, abrange os municípios situados a sul desta sub região, organizados com base nos outros 10 elementos patrimoniais. Este percurso assume várias particularidades, não só porque se assume como um percurso com múltiplas entradas a serem consideradas, mas também pelo seu carácter diferenciador, ou seja, congrega um conjunto de elementos complementares que, de alguma forma, tornam a rota mais competitiva, designadamente, os rios Tâmega, Douro e Paiva, o Castro do Monte Mozinho.

6.1. Comunicação, Informação e Interpretação

Para a efectiva criação do produto turístico cultural, a componente de comunicação, informação e interpretação é fundamental. Para foi apresentado um projecto que visou criar as primeiras condições para



Mapa 2. Percurso Norte da Rota do Românico do Vale do Sousa



Mapa 3. Percurso Sul da Rota do Românico do Vale do Sousa



ROTA DO ROMÂNICO DO VALE DO SOUSA

Imagem 1. Logótipo da Rota do Românico do Vale do Sousa

produção de um conjunto de materiais e plataformas de informação e comunicação.

O projecto envolve deste a criação e consequentemente o registo da marca Rota do Românico, à publicação de uma monografia sobre os 21 elementos que integram a Rota do Românico do Vale do Sousa, um guia turístico, uma brochura motivacional, um DVD promocional, a linha de merchadising e outros

mate-riais de apoio. Pela importância que as novas tecnologias assumem actualmente, também estas foram tidas em conta, designadamente na criação de um portal da Rota do Românico do Vale do Sousa. O portal Rota do Românico terá como endereço www.rotadoromânico.com e foi pensado tendo em conta,



Imagem 2. Exemplo da sinalética viária da Rota do Românico do Vale do Sousa

para além do público geral que tem como interesse o touring cultural e patrimonial, como também um público mais especialista, historiadores, arquitectos, arqueólogos, etc.

Dado que se estruturou este produto na lógica da completa fruição turística, o sistema de sinalização viária assume no território uma componente fundamental. Assim, aquando do lançamento da Rota do

Românico, o visitante ou o turista terá como meio de indicação dos percursos a seguir uma rede de sinalética viária que lhe permitirá fruir no território de forma clara.

O lançamento da Rota do Românico do Vale do Sousa, como produto turístico cultural e patrimonial assente nos 21 elementos do Românico, já teve lugar na Primavera de 2008.